

A epigrafia romana do País Valenciano

José d'Encarnação
Universidade de Coimbra

Num volume de homenagem a Josep Corell, justo é salientar o seu labor em prol de um estudo mais completo da epigrafia romana do País Valenciano.

Já tive ensejo de me referir em pormenor (*Conimbriga* 34 1995 213-215) ao que publicou sobre La Safor (1993); e, ao comentar o volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum* dedicado à parte meridional do *conventus Tarraconensis* (CIL II²/14), pude novamente dedicar algumas palavras ao intenso labor de J. Corell, mencionando os volumes relativos à epigrafia de *Saetabis* (1994), *Edeta* (1996) e *Valentia* (1997) (*Conimbriga* 37 1998 292-293). E perguntava:

“Não terá sido este um labor escusado ou pretendeu Josep Corell, que é um dos colaboradores de CIL II²/14, fornecer já não só os índices epigráficos em falta mas também as conclusões de ordem histórica que a análise dos monumentos carreu?”.

Penso hoje, nomeadamente após a publicação do volume *Inscripcions Romanes d'Ilici, Lucentum, Allon, Dianium i els seus territoris* (NAU llibres, Valência, 1999), que não é trabalho escusado.

Resultado da actividade empreendida no âmbito de projectos de investigação custeados pelo próprio (caso do *corpus* de *Edeta*) ou em boa hora aprovados e subvencionados pela Generalitat Valenciana, no seu apoio «a la Recerca i Desenvolupament Tecnològic» (*Saetabis* e *Valentia*), e pelo Ministério de Educação e Cultura de Espanha (caso do último volume - projecto n.º PB97-1429) -esta 'coleccção' assume-se, agora, como algo de muito válido no contexto da epigrafia romana peninsular.

E seja-nos lícito ressaltar, mesmo antes de prosseguirmos, quanto é de aplaudir o facto de as entidades oficiais haverem compreendido a importância de um projecto de pesquisa que, à primeira vista, apesar

de redigido em língua catalã, politicamente lhes poderia ser indiferente, quer por se situar no âmbito das Ciências Humanas quer, sobretudo, por aparentemente se dedicar a um público assaz restrito de especialistas, sem que se almejem, num primeiro relance, dividendos político-culturais de monta.

Tal, porém, não foi assim compreendido e é de aplaudir. Aliás, talvez não seja alheia a essa decisão a convicção, explanada pelo Prof. Marc Mayer, da Universidade de Barcelona, que tem acompanhado de perto este trabalho e que assina o Prólogo da edição sobre que expressamente nos vamos debruçar. Escreve Marc Mayer, em jeito de conclusão:

“Pela mão do Autor, estes volumes, de que ora se apresenta o quarto, trazem às terras valencianas a recordação de que foram e são romanas e que, por isso mesmo, se constituem como protagonistas duma cultura universal, ainda que mantendo particularidades que as suas origens e a sua história têm vindo afeiçoando”.

E, já agora que estamos com o texto de Marc Mayer, importa afirmar que concordamos com ele: a obra que se tem entre mãos forma, juntamente com as demais, um *monumentum* no sentido etimológico e latino do termo: “elemento capital do ponto de vista da memória humana”, tanto numa acepção histórica propriamente dita como por ser detentor do valor didáctico que, na sua raiz etimológica (*monere*), o vocábulo contém. Na verdade, como sublinha ainda M. Mayer, estamos perante páginas de história, sim, mas, ao debruçar-se sobre o passado romano das terras que estuda, ultrapassa a sua identificação individualizante para o projectar no seio de uma cultura que abarca todo o Ocidente e, por isso mesmo, se estende a todo o planeta.

Uma concepção à primeira vista ousada mas que detém, neste limiar do 3º milénio, uma actualidade flagrante, pois que, além do mais, se integra no cerne do que é para nós, epigrafistas, o monumento epigráfico em todos os tempos: uma mensagem pensada com vista a um futuro imorredoiro.

E para que a epígrafe cumpra, de facto, a sua missão, há que estudá-la em todos os seus pormenores. Josep Corell compreendeu-o perfeitamente; e se um ou outro lapso se poderia apontar nalgum dos anteriores volumes, este representa o culminar dum aperfeiçoamento gradual.

Obra de consulta mais do que obra para ser lida de atacado, apresenta para esse fim, logo de início, a tábua de siglas e abreviaturas e a exaustiva bibliografia consultada; e, no final, bem elaborados e mui completos índices epigráficos que a tornam assaz preciosa para o futuro da investigação. Mas, para além desses índices, registre-se que Josep Corell, com a colaboração de Xavier Gómez e Concha Ferragut, teve o cuidado de juntar um apêndice em que se indexaram as inscrições segundo o material de suporte, a tipologia do monumento (registre-se, por exemplo, a ausência de cupas), o tipo de inscrição (incluindo *instrumenta domestica*), a cronologia; e se indicam, por ordem alfabética, os locais de achado e o paradeiro conhecido de cada um dos 220 monumentos autênticos estudados (das XVII epígrafes *falsae vel alienae* não foi considerada interessante essa menção).

A tábua de concordâncias com outros *corpora* já publicados (p. 387-394) é já, neste momento dos estudos epigráficos, um instrumento de trabalho imprescindível, na medida em que, na realidade, não são apresentados documentos inéditos –que, também aqui, houve sempre o cuidado de rapidamente os dar a conhecer.

Citam-se também fontes literárias, mormente no comentário ao conteúdo dos textos epigráficos; e constituiu, sem dúvida, cuidadosa atenção o facto de também essas referências serem incluídas em índice (p. 395), tanto mais quanto, hoje em dia, cada vez mais se tenta uma aproximação entre os textos epigráficos e os literários de que, além e aqui, os primeiros são reflexo – um dado a explorar cada vez mais, porquanto é conhecido o “fosso” quiçá involuntariamente criado, nalgumas universidades europeias, entre os investigadores dos chamados Estudos Clássicos, que privilegiam a informação veiculada pelos textos literários sem a preocupação de os relacionar com os dados da Arqueologia e da Epigrafia – e vice-versa.

E se a Introdução traça uma panorâmica do volume - limites e conteúdo do *corpus*, história dos estudos epigráficos sobre a área em apreço, estrutura do *corpus* e modo de apresentação das inscrições - seguida da explicitação do significado dos sinais diacríticos utilizados (os mesmos que estão a ser seguidos na nova edição do *CIL* II), havemos de concordar que a conclusão, de índole fundamentalmente epigráfica, se apresenta com enorme interesse, pois que nela se realçam os aspectos mais notáveis do *corpus* (p. 345-346), os materiais utilizados no fabrico dos monumentos (p. 346), a tipologia e a decoração das epígrafes (p.347-348), os critérios de datação

utilizados (p. 348-349) e, inclusive, se tecem considerações, ainda que sumárias, sobre aspectos fundamentais patentes nos textos analisados - a onomástica, as fórmulas e a língua (p. 349-352).

O catálogo é, pode dizer-se, exemplar: de cada monumento se enumeram todos os elementos necessários, a bibliografia, as dificuldades de leitura (optando o Autor pela que lhe parece mais convincente), os paralelos, tudo isso acompanhado, em geral, de fotografia bem contrastada (um senão que eu apontara, por exemplo, ao catálogo epigráfico de Safor) cuja procedência vem assinalada na p. 397, a que amiúde se junta também cópia de antigo manuscrito que já se reportara ao texto em análise.

O mapa da p. 401 assinala a área estudada, o antigo território dos *Contestani*, indicando-se, nos quatro mapas seguintes, com mais pormenor, a delimitação do *ager Ilicitanus*, do *ager Lucentanus*, do que se entende por área na dependência de *Allon* (identificada com Vila Joiosa) e, finalmente, o território de *Danium* (a Denia actual).

Aliás, neste pormenor dos aspectos geográficos, é de considerar que, na tradição de Hübner, cada um dos quatro capítulos se inicia por oportunas considerações de índole histórico-arqueológica, em que desde logo se apontam também os aspectos mais relevantes que os monumentos daí provenientes permitiram delinear.

Enfim, na sequência dos anteriores - o conteúdo do livro sobre Safor foi aqui incorporado, mas remodelado e devidamente aperfeiçoado atendendo aos novos dados entretanto descobertos -, este volume de 412 páginas apresenta-se como significativo marco histórico: a sua clareza e facilidade de consulta tornam-no indispensável fonte documental para o estudo da época romana da região.

Como se calcula, torna-se manifestamente impossível, mesmo numa recensão pormenorizada, determo-nos sobre os monumentos mais significativos aqui reestudados. Aliás, como se disse, a obra é de consulta e não para ler de fio a pavio como romance de ficção.

Mas, como sempre, algumas das peças são tão eloquentes que incitam, quase, a quereremos ir mais além do simples comentário sucinto e sóbrio - na esteira do que, tão eloquentemente, Lídia Storoni Mazzolani fez em relação a algumas epígrafes de Roma. E estou a recordar o 'romance' criado em torno do elogio de Túrria, publicado por H. Dessau no seu *Inscriptiones Latinae Selectae*, Berlim, 1892-

1916, sob o n° 8393, que inspirou a Lídia Storoni Mazzolani *Una Moglie* (Sellerio Editore, Palermo, 1982)...

E essa evocação surgiu-me porque, abrindo ao acaso o volume, deparei com um aparentemente modesto pedestal, conhecido já desde finais do século XVII, que se conserva no Museu Etnológico de Vila Joiosa, mas cuja exacta procedência infelizmente se desconhece (n° 105, p. 183-185). Blocos paralelepípedicos foram habitualmente reaproveitados em construções posteriores e não admira, por isso, que se não conheça o contexto original, embora se possa imaginar que proceda do aglomerado urbano da época romana identificado nas proximidades. Hübner incluiu-o em *CIL II* sob o n° 3571 e, após a revisão feita por Corell, tornou-se oportuna a sua inserção em *Hispania Epigraphica* (5 1995 n° 36).

Merece o texto alguma reflexão, nesse âmbito do *fait divers* que amiúde os textos epigráficos nos proporcionam - e se o fazemos aqui (repetimos, numa escolha totalmente casual) é precisamente para ilustrar a importância que doravante detém uma obra elaborada com o cuidado que Josep Corell pôs neste volume.

Foi a mulher de Quinto Mânlio Celsino, Mânlia Crísis de seu nome, que lhe mandou erigir o monumento. Omitiu-se qualquer fórmula final, quando seria de esperar um D. S. P. F. C. - *de sua pecunia faciendum curavit*, "mandou fazer a expensas suas" - ou, ainda, a menção a uma autorização oficial - *D(ecreto) D(ecurionum)* - para implantar o monumento em lugar público. No entanto, a epígrafe, apesar das dúvidas surgidas em relação à leitura da linha 4, está completa.

O homenageado, cidadão romano inscrito na tribo Quirina, foi duúnviro e foi flâmine por três vezes. Salienta J. Corell que esse facto se reveste de particular importância por demonstrar a existência de um *municipium* adscrito à referida tribo, cuja fundação remontará à época dos Flávios (finais do séc. I), podendo, por isso, a inscrição ser de "princípios do séc. II", como escreve Corell.

Não se adiantam, porém, no comentário, quaisquer hipóteses acerca da localização desse município; contudo, essa observação vem atrás, na introdução ao capítulo, quando, fazendo o balanço da epigrafia deste território, se apresentam argumentos reclamando a identificação de Vila Joiosa com o topónimo *Leones* ou *Ad Leones* citado nos itinerários, donde, por deturpação oral, derivou *Allon*.

Um município pequeno, que não deixou, por isso, de ter *macellum* próprio, cuja importância na vida económica local deve ter sido grande,

pois que, *vetustate conlapsum*, já carecendo de reparações devido à antiguidade, foi alvo da benemerência de dois membros da *gens* dos *Marci Sempronii*, uma família com raízes peninsulares e talvez locais, porquanto o pai deve ser um liberto (pelo *cognomen Hymnis* que tem) e deu ao filho um *cognomen* tipicamente peninsular, *Reburus*. Esta informação consta de imponente inscrição monumental, um lintel com 2,02 metros de comprimento que encimaria, decerto, a porta do mercado renovado quer na sua arquitectura quer nas novas mesas de pedra (*mensae lapideae*) com que foi dotado (inscrição n° 106). Um relevante acto de benemerência de que os seus promotores justamente se orgulham e fazem constar: a obra foi feita em nome dos dois, pai e filho (*suo et M. Semproni Reburri filii sui nomine*) e com o seu dinheiro (*sua pecunia*).

Os dois monumentos epigráficos revelam, pois, uma cidade activa, onde, no século II, pontificaram, pelo menos, duas famílias: a dos *Q. Manlii* e a dos *M. Sempronii*. Curiosamente, consultando o índice (p. 366), verificamos que esta é a única referência à *gens Manlia* detectada, até ao momento, na região; e que, mesmo em relação aos *Sempronii*, se outros há, eles se enquadram no território de *Danium*, pois que estão inscritos na tribo *Galeria* e detêm *praenomina* diferentes.

Mas talvez seja interessante voltarmos, ainda, ao “pedestal” em honra de Celsino. E se coloco agora “pedestal” entre aspas é porque, na verdade, podemos não estar em presença de um pedestal mas sim de um cipo.

Primeiro, porque só tem 40 cm de espessura, o que se me afigura pouco para se colocar sobre ele uma estátua ou um simples busto; depois, porque é bastante alto (mede, pelo menos, 1,10 m) e o texto está paginado em extensão mas de modo a poder ser lido praticamente todo à altura dos olhos; finalmente, porque não tem base nem cornija - e se Josep Corell parece apresentar essa ausência como resultado de uma ulterior deterioração do monumento, é bem possível que o não seja, como é hábito em monumentos deste tipo.

E estas observações são tanto mais interessantes quanto a iniciativa da homenagem parte da esposa (*uxor*), que faz questão em destacar tal estatuto na última linha. Esposa que, como muito bem sublinha J. Corell, “és molt probable que fóra liberta”. E foi-o, em meu entender, na medida em que o seu *cognomen* - *Chrysis* - se adequa perfeitamente a uma escrava - e recorro o singelo monumento funerário achado em *Aeminium*, no coração da Lusitânia

(CIL II 374), em que apenas se lê *Chrysis sibi posuit*, “Crisis pôs para si”, e deixou muito espaço em branco no campo epigráfico, na esperança de que, ao falecer, alguém lhe gravaria a idade e as fórmulas propiciatórias para a sua viagem no Além. Ninguém gravou. Não teve quem a libertasse.

Manlia de Vila Joiosa foi mais feliz: um magistrado municipal libertou-a e, perante todos, deu-lhe estatuto de esposa. Além de duúviro, tenha ou não exercido a edilidade (uma questão epigráfica que J. Corell resolveu a contento, eliminando a eventual ocorrência desse cargo), Celsino foi flâmine por três vezes! O flaminado, recorde-se com Robert Étienne, era como que o culminar de importante carreira municipal e exercia-se, como todos os cargos, uma só vez. Mais a mais, este, de sacerdócio imperial, penhor de fidelidade ao Poder, penhor de benesses do Poder!... Ser eleito três vezes denuncia, pois, uma influência local preponderante.

Classifica-se o monumento como “inscrição honorífica”. Não há dúvida, é-o. Para figurar no *forum* da cidade. Contudo, por mais poder que se tenha, a “democracia” romana não ia ao cúmulo - outros mecanismos havia, mormente o recurso aos *amici*, que sempre os há quando se detém o poder... - de consentir que pública homenagem fosse prestada pela mulher. Vejo, por isso, aqui o evocar de uma memória. O cipo, em jeito de pedestal de imaginária estátua que não chegou a fazer-se, foi levantado *post mortem*. Em vez de figurar apenas no mausoléu de família ou na singela sepultura particular na sua propriedade ou na necrópole que ladearia, quiçá, uma das entradas das cidades, Crisis logrou obter autorização para homenagear seu marido em pleno centro cívico do município em que, a contento da maioria, em vida exercera funções.

Não se poderia exigir a Josep Corell que, a propósito de cada epígrafe, tentasse esclarecer toda a trama política, social e familiar que lhe poderia estar subjacente. Daria um volume dificilmente manuseável e o que se pretende, numa obra como esta, é a facilidade de consulta, é a clara apresentação de dados - para que, ao vestir a pele de historiador, o epigrafista possa, com elementos seguros, ir mais além.

Uma palavra, ainda, de apreço por se terem incluído todos os grafitos e marcas documentados em objectos de uso diário, o que se designou por *instrumentum domesticum*.

Há selos de bronze, como o “de Túrria Marcela” (nº 39) ou o “de Lúcio Vocónio Catino” - a demonstrar intensa actividade comercial e algum florescimento económico. E, neste particular, deve entender-se como comentário e não como objecção o que Marc Mayer escreve no prólogo, quando afirma:

“Importa, porém ter presente que o denominado *instrumentum domesticum* é muitas vezes de procedência forânea”.

Ou seja, não se pense de imediato em produções locais; não se incluam, por exemplo, os *Turii* e os *Voconii* atrás referidos como gentílicos da região. Convém, todavia, não esquecer que, embora exteriores, indiciam circuitos comerciais, a ter em conta numa história global, em que esses documentos epigráficos desempenham, neste particular, relevante papel informativo.

Sintomáticos também são os grafitos. Os de posse (como *Maximi*, “de Máximo”, nº 41, inciso na parede exterior de um “prato de cerâmica vermelha”) são comuns em todo o Império. Já, porém, uma frase como *Laxad et alit*, “Relaxa-te e come” (nº 41a), que Josep Corell põe em paralelo com diversos trechos retirados de autores clássicos de significado idêntico, são testemunho de um quotidiano culto e divertido, em que amiúde impera o trocadilho, a ambiguidade, tal como no dito *Eme me bono tuo*, que figura no bojo de um *dolium* do Castro de Alvarelhos, no Noroeste peninsular (FE 203).

Especial interesse detém, num outro campo, o grafito que a documentação apresenta como tendo sido encontrado «sobre unes tégules», hoje desaparecidas (nº 43). Hübner procurou, sem êxito, atribuir ao texto um significado coerente: “Quid significetur, obscurum”, confessou. Leram-se os nomes de duas personagens, talvez *Dido* e *Seianus*, sendo reconhecível sem dúvida, ao que parece, o vocábulo *patres* no final. O A de *patres* seria cursivo. Nessas circunstâncias, sugere J. Corell que “podria tractar-se d'un epitafi fragmentari, en el què faltaria el nome del destinatari”, acrescentando, com base, noutros testemunhos, que “el plural *Seiani patres* podria referir-se als que feien les funcions de pares del difunt, és a dir, als protectors”.

Não é invulgar encontrarmos crianças de tenra idade sepultadas sob telhas. Na *villa* romana de Freiria (Cascais), por exemplo, identificámos um significativo conjunto delas, que datamos, no entanto, de uma época tardia - séculos III ou IV da nossa era - porque se localizam dentro de um lagar de azeite, o que significa que o espaço

só poderá ter servido como necrópole após ter entrado em desuso. Há, todavia, um pormenor a ter em conta: não são *tegulae* as coberturas, mas sim grandes *imbrices*. É certo que, em necrópoles imponentes como a da Isola Sacra, junto a Óstia, há sepulturas cobertas de *tegulae* como se de casas se tratasse; não vemos, porém, que aí se possa ter feito a inscrição funerária e - ainda por cima - em grafito.

O que atrás fica dito e outros exemplos doutra ordem que recentemente me chamaram a atenção incitam-me a uma interpretação diferente que estou a explorar e que, desde já, anuncio, inclusive para que possa vir a ser testada noutros quadrantes do Império romano: não estaremos, aqui, como noutras ocasiões que conheço da Lusitânia, perante a minuta do texto a gravar, de seguida, no mármore ou no suporte pétreo definitivo?

Por conseguinte, o texto em causa (nº 43) pode não ser funerário; também não é admissível, sem mais, a sua inclusão no domínio dos *instrumenta domestica*, pois teria uma função efémera e depois se deitaria fora. Não é, na verdade, sintomático, que o achador, P. Ibarra, refira que são grafitos sobre “têgules”, no plural?

Há uma significativa inscrição jurídica da Lusitânia, ora em estudo por Jorge de Alarcão, que se apresenta exactamente em grafitos sobre pedaços de *tegula*. E a conhecida inscrição de *Olisipo* *CIL* II 191, em que se anuncia a reconstrução total das termas dos Cássios, no ano de 336, por ordem do então governador da Lusitânia, Numério Albano, levada a cabo por Aurélio Firmo, dificilmente se poderá entender ter sido pensada para um tijolo com letras pintadas a zarcão. Na verdade, achou-se esse tijolo - que, depois, facilmente se perdeu - mas o texto nele pintado não passava, como é óbvio, da minuta destinada a figurar em solene placa marmórea a colocar, em jeito de lintel por exemplo, na entrada do edifício termal.

Terminaria, pois, como iniciei estas despretensiosas reflexões em torno do último *corpus* de inscrições romanas posto ao nosso dispor pelo Prof. Josep Corell: aparentemente singelas, as linhas duma epígrafe detêm todo um conteúdo histórico, cuja riqueza e densidade informativas ultrapassam o que nelas parece ter-se escrito.

Josep Corell serviu-nos magnífico e succulento aperitivo, como se propôs. A refeição segue dentro de momentos.